

## CAOS E COSMOS – UM TEXTO DE CONTRADIÇÕES E PROPOSTAS À LUZ DA BIBLIOTECA DE GUIMARÃES ROSA

**English Title:** CHAOS AND COSMOS – A TEXT OF CONTRADICTIONS AND PROPOSALS IN THE LIGHT OF THE WORK OF GUIMARÃES ROSA

**doi** 10.33726/akdpapers2447-7656v12a72021p95a107

**PESSOA, Marcelo**<sup>1</sup> –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

**RESUMO:** Nosso trabalho se propõe retomar a obra *Caos e Cosmos* (1976), de Suzi Sperber. Metodologicamente, este estudo se deu, por meio de uma revisão bibliográfica de produção disposta em acervos físicos e digitais. Ao traçarmos considerações gerais sobre o texto de *Caos e Cosmos*, apresentamos como resultados primários da investigação, alguns de seus pontos fortes e contradições discursivas. O objetivo central da busca, é o de detectar em nossas leituras, um provável encontro crítico-literário entre Brasil e Portugal, e também, sugerir novos horizontes de pesquisa. Dentre os principais aportes bibliográficos deste exame, temos os textos de Bolle (2004), Meyer (2008) e Eagleton (2019), sugerindo-nos modos de recuperarmos parte de um viés histórico que costumeiramente tem sido orientado pela ideologia binomial de uma colônia *versus* metrópole, substrato subjacente nas análises das obras de Guimarães Rosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção e difusão do conhecimento, estudos filosóficos intersemióticos, Letras

**ABSTRACT:** Our work proposes to resume the work *Chaos e Cosmos* (1976), by Suzi Sperber. Methodologically, this study was carried out through a bibliographical review of production arranged in physical and digital collections. When we outline general considerations about the text of *Chaos e Cosmos*, we present as primary results of the investigation, some of its strengths and conceptual contradictions. The main objective of the search is to detect, in our readings, a probable critical-literary encounter between Brazil and Portugal, and also to suggest new research horizons. Among the main bibliographic contributions of this examination, we have the texts of Bolle (2004), Meyer (2008) and Eagleton (2019), suggesting ways to recover part of a historical bias that has usually been guided by the binomial ideology of a colony versus metropolis, underlying substrate in the analysis of Guimarães Rosa's works.

**KEYWORDS:** Production and dissemination of knowledge, intersemiotic philosophical studies, Letters

---

<sup>1</sup>Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 01/2021 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA *CAOS E COSMOS*, DE SUZI SPERBER

A retomada que ora fazemos do texto de Sperber (1976), tem como objetivo principal, um forte desejo de demonstrar que a autora em questão, naquele momento, não se aprofundou nos assuntos que trouxe à tona, em seu *Caos e Cosmos*<sup>2</sup>.

Dizemos isso, visto que o que se observa nessa sua publicação, é a presença de um método essencialmente comparativo, a partir do qual foram apresentados dados de um e outro autor, de um ou outro momento de seus textos, sem discuti-los, método o qual, ao nosso ver, imprimiu ao seu trabalho um caráter tipicamente jornalístico, pautado, portanto, pelo critério da imparcialidade.

Assim, então, menos afeito às abordagens crítico-literárias, território onde normalmente se permitem maiores ilações e um maior vagar na seara das abstrações e conjecturas analíticas que nele se empreendem, *Caos e Cosmos*, neste ponto, é contraditório. O é, pois vemos, como contraditório, o método em si, uma vez que a pretensão discursiva de Sperber, ao se voltar ao objeto literário, não deveria voltar-se à apreciação literária como fenômeno de noticiário. Isto, supomos, em função de que, dentre outros postulados, a literatura se porta assim:

A obra de Frye ressalta as raízes utópicas da literatura, porque é marcada por um profundo medo do mundo social real, uma aversão à própria história. Na literatura, e somente nela, é possível afastarem-se as 'externalidades' sórdidas da linguagem referencial e descobrir um lar espiritual. Os *mythoi* da teoria são, significativamente, imagens pré-urbanas dos ciclos naturais, lembranças nostálgicas da história antes do industrialismo. A história é, para Frye, uma servidão e um determinismo, e a literatura continua sendo o único lugar onde se pode ser livre (EAGLETON, 2019, p. 140).

---

<sup>2</sup> Em seu livro *Caos e cosmos*, Suzi Sperber trata de encontrar reflexos dos textos de Guimarães Rosa nas leituras por ele feitas de obras de caráter religioso.

Desse modo, o texto em voga, de Sperber, às vezes, parece tentar dissolver-se, livrar-se, por assim dizer, dessa aura de documentário que a esse volume foi assimilado. Contudo, o que se consegue é, senão, um efeito contrário do que se pretendia. Promove-se um adensamento do problema inicial, já que trechos de *Caos e Cosmos* se convertem, não raro, em longas paráfrases dos textos de Guimarães Rosa, tal como acontece nas reportagens jornalísticas, quando o repórter tenta reproduzir, *ipsis litteris*, a fala de seus ‘personagens’ entrevistados.

Convém ressaltar, que apesar dessa nuance, a autora, ao recontar, a seu modo, alguns episódios roseanos, consegue efeitos interpretativos brilhantes, os quais, se pudéssemos, sugeriríamos que predominasse em sua narrativa crítica.

É digno de destaque também nesse ponto, que o que estamos fazendo aqui, não é uma resenha tardia de um texto já consagrado pela historiografia crítica, como basilar no que tange aos estudos roseanos. O que pretendemos, é retomar um momento embrionário da crítica literária, a fim de que a partir desse rememorar, se possam reacomodar paradigmas e conceitos, independentemente do teor de validade ou contestação que se tenha dado a ele no decorrer do tempo.

Portanto, a constatação de entrecosmos que são, de fato, brilhantes, na obra de Sperber, se justifica, sobretudo, no capítulo em que a autora apresenta ao leitor, a obra do Padre Sertillanges (1863-1948). Tratamos de fazer uma breve digressão a este Antonin-Gilbert Sertillanges. Ele, nascido Antonin-Dalmace Sertillanges, foi um filósofo e teólogo francês, especialmente conhecido pelos seus estudos sobre São Tomás de Aquino (Itália, 1225-1274).

As ponderações críticas de *Caos e Cosmos* são extremamente abrangentes nesse ponto, abarcando o corpo total da obra de Guimarães Rosa no cotejamento que se faz. Sperber, ao mesmo tempo em que consegue solucionar problemas significativos da crítica, em partes

isoladas dos textos roseanos, a partir do pensamento de Sertillanges, remete-nos a outros contextos relevantes para o confronto temático (o Conservadorismo, por exemplo) que no momento se realizava sob a pena de Sperber (1976).

Nesse tocante, é válido comentar, que no aspecto geral do procedimento comparativo realizado por Suzi Sperber, vimos que ela preferiu as obras de cunho religioso ou espiritualista<sup>3</sup>, pois, ao que lhe pareceu, que é o que também cremos, seria essa uma tônica predominante da ficcionalidade roseana<sup>4</sup>:

A consciência e o conhecimento de matrizes religiosas influenciaram a percepção rosiana, ajudando-o a mergulhar na natureza, senti-la por dentro, e assim expressar suas vivências e conhecimentos. Entre as matrizes religiosas, o esoterismo paulista traz o conceito de universo vivo, o *chandogya upanishad* contribui com a aceitação de uma natureza sagrada, a filosofia de Platão acentua a busca do valor estético, a de Plotino valoriza a atividade contemplativa na natureza. O universo é mutante, pois todos os seus elementos e reinos estão vivos, atuando um sobre os outros. O grande mistério para desvendar a origem da vida mantém acesa a chama que instiga os seres humanos a uma busca eterna e profunda (MEYER, 2008, p. 199).

Dentre os instantes menos controversos de *Caos e Cosmos*, podemos destacar o capítulo que trata das referências a Romano Guardini<sup>5</sup>. Guardini (1865-1968), nasceu na Itália, e foi professor, na Universidade de Berlim. Nesta passagem sobre Romano, há ocasiões interessantes de análise autoral, redigidas por parte de Sperber.

Há de ser salientado, porém, que alguns períodos de seu percurso de investigação seriam, no mínimo, passíveis de serem mais bem explicados, devido, ora a prováveis imprecisões de abordagem, ora devido a possíveis incoerências textuais na construção de frases mesmo, as quais culminaram em contradições semânticas.

<sup>3</sup> Dos 2477 livros pesquisados por Sperber, talvez uns 500 possam ser enquadrados dentro das obras de reduzido interesse [...]. Desses, quase 2000 livros restantes, ao redor de 200, podem ser chamados de livros espirituais (SPERBER, 1976, p. 17).

<sup>4</sup> Nota-se que houve um encaminhamento contrário ao experimentado pelo mundo ocidental: a narrativa roseana volta do *logos* ao *mythos*. Também oposta às tendências do mundo contemporâneo é a sacralização crescente, da primeira à última obra de João Guimarães Rosa (SPERBER, 1976, capítulo de Conclusão, p. 154).

<sup>5</sup> Sperber, 1976, p. 91.

À guisa de mero exemplo do que dissemos acima, citamos ao menos um ponto de contradição do texto de *Caos e Cosmos*, mas, ainda a título de registro, deixamos claro que existem outros:

O esoterismo tem duas características fundamentais que se assemelham um pouco aos fenômenos de assimilação das religiões em nível popular. [...] Caso o interesse de Guimarães Rosa pela doutrina se manifestasse intertextualmente, encontraríamos em *Sagarana* trechos que lhe poderiam ser relacionados. Nada encontramos, porém, que tivesse uma relação clara e imediata (SPERBER, 1976, p. 24).

Na página seguinte, fazendo-se comentários relacionados exatamente sobre a mesma obra *Sagarana*, a autora se contradiz, assim:

O remate da estória é independente da vontade direta de Lalino. É a vontade divina que se manifesta. Como autor e destino se reconhecem idênticos na onisciência, constituem uma unidade diferente da fábula [...]. Se considerarmos, porém, os demais contos de *Sagarana*, notamos que não há apenas ironia no tratamento de acaso e destino: há simpatia também na apresentação das credices nacionais e sobretudo das fórmulas populares de manipulação da divindade: [...]” (SPERBER, 1976, p. 25).

Desse modo, pensamos que a contradição se manifeste, especialmente, na medida em que, num primeiro momento, a autora diz que “nada encontrou” que fizesse referência à “doutrina” (em seu texto, Sperber dá-nos a entender que a palavra “doutrina” pode ser um vocábulo abrangente em sentidos, em cujos semas podemos encontrar-se referências que oscilam desde o universo dos rituais e das crenças populares, até aos cultos sagrados da Igreja), e, num segundo momento, ela mesma diz que *Sagarana* praticamente se constrói sobre os pilares da “doutrina”, nos termos acima esclarecidos.

Podemos ponderar que talvez até a autora mesma tivesse consciência da necessidade de uma retórica mais refinada e, por isso, tentou compensar uma provável fragilidade argumentativa de matriz metodológica (o que poderia ser resolvido empregando-se um método dialético, ao invés de um método comparativo).

Para tal efeito, preencheu essa lacuna técnica com o declinar de um artifício empírico, isto é, com um volume infindável de citações, selecionando excertos extensos da obra de Guimarães Rosa. Parece-nos que isso é para que o leitor, por si só, complementasse os sentidos simbólicos que ela via, mas que não explicou satisfatoriamente ou que sobre os quais ainda tivesse dúvida, apesar de evidentes, e que seus interlocutores, então, fizessem as abstrações e as conjecturas racionais aparentemente omitidas ou não realizadas pela isotopia proposta:

A filosofia, o direito, a teoria política funcionam por metáfora, tal como os poemas e, portanto, são tão ficcionais quanto os poemas. Como metáforas são essencialmente ‘desembasadas’, simples substituições de uma série de signos por outra, a linguagem tende a trair a sua própria natureza fictícia e arbitrária, exatamente naqueles pontos em que se propõe a ser mais intensamente persuasiva (EAGLETON, 2019, p. 218).

Em linhas gerais, no que se refere a esse cotejamento da produção ficcional de Guimarães Rosa, fica evidente, ao lermos *Caos e Cosmos*, principalmente ao confrontarmos suas releituras com os inúmeros títulos apresentados por Sperber<sup>6</sup>, é que menos inferências e digressões críticas sobre poucos títulos poderiam ter sido feitas, e mais propostas poderiam ter sido depreendidas do contato com a Biblioteca:

A expectativa de conseguir extrair dessa obra um tipo de conhecimento do país que não se encontra nos ensaios históricos e sociais deverá se concretizar através de um diálogo entre os gêneros; ou seja, através de uma análise comparada dos meios da ficção com as categorias conceituais da tradição ensaística (BOLLE, 2004, p. 261).

Isto, inclusive, poderia ter sido realizado, em detrimento de muito mais comparações com outras, das inúmeras obras da biblioteca estudada, pertencente ao espólio intelectual de Guimarães Rosa, já que essas comparações seriam, enfim, o principal objeto de sua busca<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>Nesse capítulo, Sperber, 1976, p. 159, elenca alguns dos volumes da Biblioteca de João Guimarães Rosa e, tanto essa lista quanto os comentários a ela agregados nos pareceram sem bom propósito para a análise.

<sup>7</sup> “A base principal para o cotejo é a citação de textos destes filósofos ou doutrinas em *Corpo de Baile* [...]. O processo seria aquele empregado por Benedito Nunes, o do cotejo entre dois itens lexemáticos” (SPERBER, 1976, p. 15 e 16).

## BRASIL E PORTUGAL: UM POSSÍVEL CONTRAPONTO CRÍTICO-LITERÁRIO À LUZ DE SUZI SPERBER E GUIMARÃES ROSA

A obra *Caos e Cosmos*, da autora Suzi Sperber, se propõe a realizar um estudo da biblioteca de Guimarães Rosa. No acervo roseano, lembra a autora, foram encontrados inúmeros livros com anotações de próprio punho, feitas por Guimarães Rosa. A partir desses dados, Sperber, então, supôs admissível encontrar neles alguns motivos essenciais, apreensíveis a partir da qualidade das anotações nas obras da biblioteca de Guimarães Rosa, e que possivelmente tivessem inspirado ou sido incorporados na obra roseana, coadjuvando a compreensão que se tem, portanto, da qualidade dos textos ficcionais.

Diz-nos Sperber, que num dos conjuntos desses apontamentos, encontraram-se intensa variedade de anotações, em obras de natureza filosófica<sup>8</sup>. Parece-nos, pelos comentários de Sperber (1976), que as alusões filosóficas não dão conta de cumprir a contento o papel de dar uma unidade temática à obra de Guimarães. Tampouco isso parece ocorrer com as obras de cunho religioso e espiritualista, citadas e cotejadas pela autora.

Outra questão que nos parece interessante, diz respeito ao fato de que há, também, indícios prováveis de uma filiação da ficcionalidade de Guimarães Rosa, à literatura portuguesa. Isso podemos dizer, não apenas pela recente referência a isso, que Galvão (2000)<sup>9</sup> nos oferece, mas, sobretudo, pela anotação de Sperber (1976) quanto à presença na biblioteca roseana, de três títulos de ficção, de autoria do escritor

---

<sup>8</sup> Desde a publicação de *Sagarana*, mas, sobretudo, depois de *Corpo de Baile* e com *Grande Sertão: Veredas*, surgiram estudos críticos destas obras, que as aproximaram a teorias filosóficas [...]. O próprio Guimarães Rosa não só confirmou tais influências, como propôs outras (SPERBER, 1976, p. 15).

<sup>9</sup> Um livro em particular constitui a fonte de uma enorme quantidade de cantigas, de folhetos de cordel, de figuras de folclore [...]. Trata-se de uma versão portuguesa de uma novela de cavalaria francesa, *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*. [...] Mesmo não sendo citado pelo título, esse livro reponta a cada momento em *Grande Sertão: Veredas* (GALVÃO, 2000, p. 38).

português Aquilino Ribeiro<sup>10</sup>, mas, também, por inferências realizáveis a partir do próprio texto de *Caos e Cosmos*<sup>11</sup>.

Esse viés de aproximação entre Brasil e Portugal, também se deixa notar, quando, ao esquematizar uma estrutura para os elementos essenciais das influências religiosas, místicas ou esotéricas presentes na obra de Guimarães Rosa, a autora de *Caos e Cosmos* faz referência ao Sebastianismo<sup>12</sup>:

A valoração de apenas um ponto para o cenário e realidade sertaneja, poderia ajustar-se à simples consideração territorial da 'paisagem' (cenário). Contudo, se associarmos o conteúdo geográfico (realidade) do sertão, somos levados a admitir que o conteúdo geográfico vai muito além desses estreitos limites. Isso porque, a realidade do conteúdo geográfico transcende a simples visualização do concreto da paisagem. Isso porque, na real concepção atual da Geografia: a) o espaço é indissociável da noção de tempo; b) a visão antropocêntrica da Geografia considera o Homem ser social, o que nos obriga à consideração de todo o conjunto complexo que é a realidade humana, em suas diferentes dimensões: social, econômica, política, cultural, enfim (MONTEIRO, 2010, p. 126).

Esse elo simbólico que se constrói sob o signo messiânico de Antônio Conselheiro e D. Sebastião uniria alegoricamente o Brasil do Arraial de Canudos (Bahia – BA, 1897) e da Guerra do Contestado (Paraná – PR & Santa Catarina – SC, 1912-1916) à Portugal Sebastianista (retoma-se o 'Mito Sebástico', da Portugal do Século XVI).

---

<sup>10</sup> Aquilino Gomes Ribeiro (Tabosa do Carregal, 13 de setembro de 1885 — Lisboa, 27 de maio de 1963), foi um escritor português. É considerado, por alguns, como um dos romancistas mais fecundos da primeira metade do século XX. Inicia a sua obra, em 1907, com o folhetim "A Filha do Jardineiro" e, depois, em 1913, com os contos de *Jardim das Tormentas* e com o romance *A Via Sinuosa*, 1918, e mantém a qualidade literária na maioria dos seus textos, publicados com regularidade e êxito, junto do público e da crítica. De Aquilino Ribeiro, menciona-se as obras: *Cinco Réis de Gente* (s/d), *Estrada de Santiago* (1924), *Uma luz ao Longe* (1948), (SPERBER, 1976, capítulo "Biblioteca de Guimarães Rosa", p. 193).

<sup>11</sup> "No texto (de *Grande Sertão: Veredas*), o mito da idade de ouro associa-se ao messianismo, ou possibilidade de messianização. [...] Esquematizaremos as características do judaísmo e do messianismo brasileiro: Judaísmo – idade de ouro, messianismo, [...]; Messianismo brasileiro – busca de salvação do indivíduo e de seu mundo através de um salvador com função político-social, sebastianismo" (SPERBER, 1976, p. 124).

<sup>12</sup> Por Sebastianismo, pode-se entender, essencialmente, um conjunto de crenças populares que tratam da expectativa de retorno que o povo teria, ainda nos dias atuais, quanto à volta de D. Sebastião (1554-1578), rei de Portugal

A partir das funções sociais desse elo peculiar, poderia ser depreendida uma continuidade retórico-discursiva, a partir da relação dialética e histórica que coloca lado a lado colonizador e o colonizado, isto é, Portugal e Brasil, e os (re)unem por meio da literariedade de Aquilino Ribeiro e Guimarães Rosa.

Noutros termos cremos, que seria possível reificarem-se, por meio dessa presentificação de Aquilino Ribeiro ou do Sebastianismo na obra de Guimarães Rosa, os rastros da interdependência cultural do Brasil, que remonta à época dos descobrimentos, a qual se revelaria sob o binomial colônia x metrópole, mantido em fluxo contínuo no imaginário.

### **CONCLUSÃO: NOVOS HORIZONTES PARA A CRÍTICA DE GUIMARÃES ROSA**

A partir dessa breve retomada que ora realizamos da obra *Caos e Cosmos*, o que percebemos é que a busca por procedimentos críticos mais eficientes para as releituras e interpretações literárias ainda não se esgotaram.

Podemos irromper em novas análises, com o mote já exaurido, embora riquíssimo, universo das manipulações linguísticas roseanas (que nos lançariam rumo a considerações de natureza mais objetivas), que são de longe os procedimentos mais evidentes na obra de Guimarães Rosa<sup>13</sup>, ou ainda das alegorias que essas manipulações são capazes de engendrar (possibilidade que nos remete a uma abordagem mais subjetiva):

Quando uma frase, sua significação sempre está como que suspensa, como algo ainda a ser materializado: um significante me conduz a outro, e este a um terceiro; significações anteriores são modificadas por

---

<sup>13</sup> Além da matéria do sertão, também a linguagem já é da maturidade – original, sem dúvida, a mais brilhante e estupenda das linguagens. E já, como sempre seria baseada na oralidade sertaneja, com aproveitamento de regionalismos e de arcaísmos preservados no sertão, mas também adaptando estrangeirismos e criando neologismos. Essa mistura será marca registrada de toda a obra do autor (GALVÃO, 2000, p. 53).

outras, posteriores, e embora a frase possa chegar a fim, o processo da língua em si não chega (EAGLETON, 2019, p. 193).

Um desses vieses subjetivos ao qual poderíamos nos apegar, é aquele que nos conduz ao arcabouço teórico da corrente teórica do colonialismo e do pós-colonialismo, repertório ao qual se alude, exatamente no momento em que se evidencia a aproximação da obra de Guimarães Rosa, com elementos socioculturais como o Sebastianismo, o Messianismo latino-americano etc.

A tipicidade híbrida do local de enunciação, que se deixa notar pela figura simbólica do ‘sertão-mundo’ e dos fatos e personagens-tipo construídos por Guimarães Rosa, parece constituir-se ainda uma teia de propósitos relacionados às venturas e desventuras do país em construção: o Brasil e suas faces.

A percepção de uma unidade temática de suas obras, a partir de uma corrente teórica que trate das particularidades derivativas do colonialismo, se comporia pelo conjunto da soma das diferenças presentes no cotejamento dos diferentes brasis<sup>14</sup>, pois o que se diz sobre Guimarães Rosa, dentre outras coisas, é que sua matéria-prima não seria o sertão de Minas Gerais, o interior, mas o ambiente introspectivo essencial da humanidade<sup>15</sup>.

A mensagem dessa sua retórica residiria não exclusivamente na manipulação linguística, que ele habilmente empreende, mas nos significados criados e recriados a partir de sua alquimia linguística – e é nessa alquimia que ele se diferencia dos meros mortais. Semânticas ainda às quais as palavras e suas sintaxes nos remetem a uma espécie

---

<sup>14</sup> Procuraram “a alma brasileira” nos primórdios da nossa história, no índio não “contaminado” pelos europeus e idealizado como “o bom selvagem”, e, como não era possível ignorar o colonizador nem reconhecer a qualidade humana do negro, ainda escravizado, construíram o mito da essência cabocla de nossa brasilidade. Foi só depois da Abolição (1888) e com a República (1889) que o negro passou a ser visto como um dos três elementos componentes do “Brasil Mestiço” (FALIVENE, 1997, p. 97).

<sup>15</sup> “[...] o sertão-mundo corresponde ao cosmos, enquanto que o sertão satânico corresponde ao caos primordial. Sertão é ao mesmo tempo caos primordial e cosmos” (SPERBER, 1976, p. 113).

de sopro de vida nova que infla os pulmões de nossa compreensão de mundo.

Se, a partir do cotejamento de obras da literatura portuguesa e a ficção de Guimarães Rosa, à luz das teorias colonialistas, poderíamos vislumbrar novos parâmetros de compreensão para a relação metrópole x colônia, quais seriam esses significados? E se eles são representativos, eles simbolizam o que? Diriam eles, respeito a qual modelo de identidade cultural?

Numa resposta sem investigação prévia de sua validade, poderíamos dizer que eles seriam representativos do entre-lugar, do trânsito, do incerto, nos quais se encontraria o Brasil desenhado pelas letras, palavras e frases de Guimarães Rosa.

Angel Rama salienta que os artistas do trânsito, do intercurso, do incerto são aqueles que catalisam as experiências de regiões distintas: o rural e o urbano, por exemplo. Seria dentro dessa categoria, que poderíamos reclassificar parte da obra de Guimarães Rosa. Sobre o conto *A Terceira Margem do Rio*, Scarpelli (2003, p. 53), diz:

A circulação de bens simbólicos e culturais, prestes a desaparecer sob o impacto da modernidade, é representada no conto “A Terceira Margem do Rio”, sob a perspectiva de um narrador transculturador, que se põe a tarefa de traduzir/atualizar, pelas margens do discurso, o silêncio do pai. Este, por seu turno, metaforiza a voz de uma tradição autoritária que, ensandecida, perdeu a capacidade de se expressar.

E, o que se vê, a partir do trecho acima, é que há mais ainda no horizonte da crítica colonialista que serviria para explicar elementos da obra roseana. Por exemplo, nos elementos transculturadores da transição da sociedade patriarcal, momento em que a sociedade formou ou delimitou os pilares e alcances territoriais e simbólicos do Brasil atual.

As questões da formação sociocultural do Brasil, da identidade nacional, da construção política e econômica e, mais ultimamente, da inserção do país no mundo globalizado como exportador de tecnologia, petróleo, de cultura e de ideologia, são tendências que justificariam uma re-interpretação dos 'sertões humanos' de Rosa, à luz dos paradigmas da mestiçagem cultural latino-americana, empreendidas primordialmente pelos estudos culturais colonialistas:

No século XVI, a responsabilidade e a obrigação moral do homem branco de converter os índios, levando-os à benção da civilização, colonizando-os, se assentavam nas ideias de Buffon. Esse naturalista considerava o selvagem como homem, mas caracterizava-o negativamente, com atributos de estúpido, ignorante, inerte, depravado e preguiçoso. Buffon foi um segregacionista, oposto a Rousseau, defendendo uma evolução linear e hierárquica em que os seres julgados como superiores (brancos, civilizados, colonizadores) ocupam o topo, e os inferiores (selvagens, primitivos, escravos, serviçais) a base da pirâmide. Essa estruturação social desigual serviu para a subsequente justificação do colonialismo por parte da burguesia liberal (MEYER, 2008, p. 82).

Por essas razões, é que acreditamos que a retomada de Sperber é muito mais relevante, não necessariamente pelas contradições ou pelo brilhantismo ostentado em suas páginas de comparação. Mas, muito melhor, devido ao fato de que essa retomada nos permite visualizar novas possibilidades de análise para um mesmo e necessário objeto:

Os antagonismos que dividem a nação, observados por Euclides, na campanha de Canudos, foram redimensionados por Gilberto Freyre, em *Casa-grande e senzala* (1933), outra obra incorporada como referência, por Guimarães Rosa. A comparação nos faz descobrir em *Grande Sertão: Veredas*, uma arqueologia do regime escravocrata, apoiada num estratégico mapa das fazendas. Como contraponto, veremos em seguida, uma história do país contada da perspectiva da mão-de-obra [...], pelo prisma dos retratos do Brasil, de Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* (1958) e Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995) (BOLLE, 2004, p. 265).

Logo, distante do esgotamento de alguns temas, Guimarães Rosa ainda nos reserva muitas novidades sobre a compreensão que se deseja ter de nós mesmos e da humanidade.

## REFERÊNCIAS

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FALIVENE, Júlia. Com que Cara Chegaremos ao Terceiro Milênio. In: KUPSTAS, Márcia (org.). *Identidade Nacional em Debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p.97.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.

MEYER, Mônica. *Ser-Tão Natureza – a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O real e o místico na paisagem do Grande Serão. In: MARANDOLA Jr., Eduardo & GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010, p. 123-139.

SCARPELLI, Marli Fantini. Heterogeneidade, transculturação, hibridismo: a terceira margem da cultura latino-americana. In: CHAVES, Rita, & MACÊDO, Tânia. *Literaturas em Movimento*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003, p. 53.

SPERBER, Suzi F. *Caos e Cosmos – leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.